

5ª Feira de Trocas Solidárias: relações econômicas e sociais sob outros prismas

Helen Scorsatto Ortiz¹

RESUMO

O presente relato refere-se à ação extensionista, sob a forma de evento, desenvolvida no *Campus* Porto Alegre do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), no mês de junho de 2017. A 5ª Feira de Trocas Solidárias teve por objetivo geral criar um espaço de trocas de produtos, serviços e saberes, com base nos princípios da economia solidária. Buscou-se concretizar a experiência comercial na qual não houvesse uso da moeda oficial brasileira e na qual as ideias de lucro, acumulação e competição fossem substituídas pelas de solidariedade e cooperação. A experiência, que envolveu servidores, discentes de cursos técnicos e tecnológicos diversos e comunidade externa, permitiu ampliar as discussões sobre economia solidária realizadas no Brasil, ao mesmo tempo em que se vivenciou uma prática.

Palavras-chaves: Feira. Trocas. Economia Solidária. Trabalho.

Outros rumos e potencialidades

Na atual conjuntura de crises (crise do modelo fordista de produção, crise do capital e crise do emprego formal), faz-se necessário a busca de alternativas estratégicas, visando uma sociedade mais justa, capaz de combater as injustiças e desigualdades tanto econômicas quanto sociais. A economia solidária é uma dessas alternativas e deve ser conhecida e exercitada não só pelos setores sociais mais empobrecidos e pelas políticas públicas, mas pelos próprios cidadãos organizados.

Historicamente, de forma geral, a economia solidária ganha espaço em tempos de crise e, no Brasil, não é diferente. Ela tem crescido de maneira rápida desde meados dos anos 1990, como resposta ao desemprego em massa e às novas estruturas da organização do trabalho (LAVILLE e GAIGER, 2009). Nesse sentido, a economia solidária caracteriza-se como uma forma de resistência dos trabalhadores à exclusão do mercado formal de emprego.

¹ Doutora em História pela PUCRS. Docente de Ciências Sociais no IFRS - Campus Porto Alegre. helen.ortiz@poa.ifrs.edu.br

Importa destacar que, para além da luta individual pela sobrevivência, essa resistência também se manifesta sob a forma de iniciativas associativas e solidárias, baseadas em valores opostos aos da economia capitalista. Em palavras de Paul Singer (1999, p. 09), a economia solidária “não é uma panaceia. Ela é um projeto de organização sócio-econômica por princípios opostos ao do *laissez-faire*: em lugar da concorrência, a cooperação; em lugar da seleção darwiniana pelos mecanismos do mercado, a limitação – mas não eliminação! – destes mecanismos pela estruturação de relações econômicas solidárias entre produtores e entre consumidores”.

Na última década, no Brasil, acompanhamos um salto quantitativo e qualitativo na organização e integração da economia solidária, configurando-se em um movimento, dotado de cadeias produtivas e articulação nacional. Dados do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), estruturado para garantir a articulação entre empreendimentos solidários, gestores públicos e entidades de assessoria e fomento, apontam, atualmente, o envolvimento direto de mais de três mil empreendimentos de economia solidária à rede.

Entende-se que é também papel das instituições educacionais, que preparam jovens e adultos para atuar em diversos âmbitos da sociedade, a disseminação, discussão e divulgação dessas estratégias/ideias e formas de resistência, de trabalho e renda. Sendo assim, o evento 5ª Feira de Trocas Solidárias trouxe para a esfera do *Campus* Porto Alegre do IFRS, e sua comunidade, debate tão atual quanto necessário.

A quinta edição da feira de trocas solidárias

Assim, como em suas edições anteriores, a Feira teve por objetivo geral criar um espaço de trocas de produtos, serviços e saberes, com base nos princípios da economia solidária. Em 2017, o evento realizou-se nos dias 11 e 12 de junho, com atividades nos três turnos. Decorreu de estudos e discussões efetuados em sala de aula, sobretudo no componente de “Sociedade e Meio Ambiente” (curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental), evidenciando a articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

Dessa forma, a Feira teve como ativos organizadores os discentes daquele curso, além de contar com turmas dos técnicos em Administração (subsequente ao Ensino Médio e PROEJA), Secretariado e Segurança do Trabalho, assim como do curso Superior de Tecnologia em Processos Gerenciais. A equipe organizadora do evento foi composta ainda por outros onze discentes de cursos diversos, além de vinte e sete servidores (docentes e técnicos) do *Campus* Porto Alegre do IFRS e membros da comunidade externa.

A fim de garantir o sucesso do evento, os estudos e trabalhos de organização iniciaram-se com meses de antecedência. A equipe organizadora fez reuniões periódicas e foi dividida em sete comissões: avaliação; banco; captação de produtos, serviços e saberes; comunicação; cultural; descarte de resíduos e redirecionamento de produtos; organização; infraestrutura. Cada uma delas contou com um número mínimo de membros, tarefas e objetivos específicos. Embora com demandas e intensidades diferentes, todas as comissões realizaram tarefas antes, durante e depois do evento.

De forma prática, buscou-se concretizar experiência comercial na qual não houvesse uso da moeda oficial brasileira e na qual as ideias de lucro, acumulação e competição fossem substituídas pelas de solidariedade e cooperação. Adotou-se uma moeda social própria para circular durante o evento, confeccionada a partir de materiais descartados dentre os resíduos eletrônicos do *Campus*.

Com relação aos produtos, foram aceitos quaisquer desde que em bom estado, tais como: roupas, calçados, acessórios, livros, CDs, DVDs, bijuterias, objetos de decoração, alimentos caseiros, etc.

Empregou-se a ideia de um produto equivalente a uma moeda, como forma de priorizar o valor de uso, em detrimento do valor de troca das mercadorias. Incentivou-se a reflexão e a aquisição apenas de produtos que fossem necessários (não acumulação), sem a obrigatoriedade de levar para casa o número correspondente àqueles que foram trazidos/ofertados.



↑ **Figura 1.** Público consciente dando o recado do evento. **Fonte:** Produção da autora.

Durante os dois dias do evento, foi riquíssima a oferta de serviços e saberes! Entre as aulas, destacaram-se: de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), de Língua Guarani, de Linux, de oratória (como falar em público) e de planejamento de eventos. As rodas de conversa trataram de temas interessantíssimos, tais como: movimentos sociais e educação; racismo no Brasil e na América Latina; meio ambiente e urbanização em Porto Alegre; cozinhar é um ato político; design de produtos sustentáveis com o bambu; economia solidária nas casas colaborativas: o caso da Apoena Socioambiental.

Houve oficinas para todos os gostos: de história em quadrinhos; de contação de histórias; de bonecas abayomi; de bolsas de tecido de guarda-chuva; de *tie dye*; de autodefesa; de como fazer paçoquinha e pastel de forno; de troca de resistência de chuveiros; de noções de eletricidade doméstica; de artesanato com potes reciclados; de adestramento de cães e de como cuidar do seu pet em casa. Foram oferecidas massagens, maquiagens adultas e infantis e também um curso de mecânica básica de bicicleta.

Ao abrir espaço para ofertas tão plurais e diversas, atingiu-se o objetivo de valorizar o trabalho, o saber e a criatividade dos participantes. A experiência da feira de trocas, de comércio ético, justo e solidário pretendeu também valorizar a cultura local, promover a educação ambiental, refletir sobre consumo/consumismo, bem como integrar servidores, discentes e comunidade externa.



Figura 2. Resultado da oferta de maquiagem artística infantil. Fonte: Bruno Mendes.

Para além das trocas de produtos, serviços e saberes, a programação incluiu apresentações culturais (música e dança), jogos educativos, exposição fotográfica discente (“Do ekos ao concreto”) e coleta de resíduos (eletrônicos, pilhas, baterias, chapas de raio x, medicamentos e óleo de cozinha usado). Durante o evento, promoveu-se a venda de lanches para arrecadar recursos à afinação do piano do *Campus* e a arrecadação de alimentos para a comunidade indígena Yvyrupá Mbya-Guarani (Maquiné).

A 5ª edição da Feira de Trocas Solidárias atingiu plenamente seus objetivos e foi um sucesso de público, tendo congregado e integrado servidores, discentes de cursos diversos e comunidade externa. É dos raros eventos, quiçá o único, que contou com a participação dos trabalhadores terceirizados que atuam no *Campus* Porto Alegre do IFRS, em especial do setor de limpeza.

Consolidada como um importante evento de extensão do *Campus*, a Feira tem seu êxito associado ao engajamento da equipe organizadora em questões de interesse comum e sua adesão aos princípios e objetivos da proposta, e também às parcerias efetivadas. Na edição de 2017, internamente firmou-se parceria com os Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi), de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (Napne) e de Estudos em Educação, Gênero e Sexualidade (Nepegs), além de parcerias com o Programa Permanente de Ensino de Línguas e Literatura (Propel), com os Cursos Pré-Vestibulares Território Popular, Dandara dos Palmares e TransENEM, com o Projeto Prelúdio e com a Incubadora Tecno-Social (ITS) do *Campus* Porto Alegre do IFRS.



⬇ **Figura 3.** Feira de Trocas Solidárias movimenta Campus Porto Alegre do IFRS. Fonte: Produção da autora.



⬇ **Figura 4.** Trocas de livros durante a Feira. Fonte: Bruno Mendes.

Considerações finais

Os objetivos propostos ao evento foram plenamente atingidos, uma vez que a 5ª Feira de Trocas congregou diversas pessoas em prática de comércio justo, ético e solidário. Praticou-se o desapego, a reflexão sobre o consumo e sobre as ideias de cooperação e solidariedade x lucratividade e competição. Em comparação com as edições anteriores, intensificaram-se as trocas de saberes e serviços e fortaleceu-se a promoção da educação ambiental. A Feira cresceu em número de dias e de participantes. Houve integração significativa das comunidades interna e externa do *Campus*, com a valorização do saber e do trabalho de cada um. Importa destacar, igualmente, a integração entre diferentes áreas do conhecimento e entre ensino, pesquisa e extensão.

Como de praxe, a avaliação do evento pelo público participante permitiu à comissão organizadora colher impressões e sugestões para as próximas edições. De forma quase unânime, tais avaliações parabenizaram a organização e realização da feira, considerada “entusiasmante”, “diferente”, “divertida”, “necessária”, “desafiadora”, “enriquecedora”, etc.² Dentre as sugestões, destacou-se: nova edição da feira e maior frequência; ampliação do horário de funcionamento e da parte de alimentação; realização da feira em parceria com outros *campi* e/ou instituições. Por fim, importa destacar que a ideia da Feira de Trocas pode ser replicada basicamente em qualquer espaço (família, escola, trabalho, associações etc.), configurando-se uma rica experiência aos envolvidos, em especial àqueles que almejam um mundo mais justo e solidário. ■

Referências

FEBES. **Fórum Brasileiro de Economia Solidária**. Disponível em: <<http://fbes.org.br>>. Acesso em: 30 de maio de 2018.

LAVILLE, Jean-Louis e GAIGER, Luiz Inácio. Economia Solidária. In: HESPANHA, Pedro et. al. **Dicionário Internacional da Outra Economia**. São Paulo: Almedina Brasil, 2009. p. 162-168.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego**: diagnóstico e alternativas. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1999.

² Em 2016, a então 4ª Feira de Trocas Solidárias, do Campus Porto Alegre do IFRS, foi apresentada no Salão de Extensão da UFRGS, tendo recebido prêmio destaque.